

# A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO V—SÉRIE II

N.º 105 (195) — 15-3-925

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, \$30—AFRICA, \$40—ESTRANGEIRO, \$65

Redactor principal:  
**Clemente V. dos Santos**  
Editor:  
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA  
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO  
CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:  
**José Rodrigues Reboredo**  
Comp. e Imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

## A conspiração Nacionalista

O Congresso do Partido Nacionalista, ou melhor: do partido Cunha Leal representou uma fogueira crepitante para fabricar faúlhas tendentes a dispersarem-se por todo o país. A essa fogueira, de onde saíram fortes novelos de negridão reaccionária, fizeram junta, com todo o cuidado e entusiasmo do «fornalheiro» fascista à portuguesa, as achas dos inesquecidos presidencialistas, que serviram de pranchão para o golpe traçoceiro dos monárquicos, para a monarquia do Monte Pedral, para a tentativa restauracionista de Lisboa...

Esta cidade sabe muito bem, recorda-se muito bem, quais as sinistras conseqüências a que a sujeitaram os tenebrosos partidários do «grande morto», do Sidónio Pais, pomposamente estrelado: sabe-o o Porto, como de resto quãse todo o norte, duramente devassado, tiranizado e pilhado pelas hordas vandálicas do aventureiro Paiva Couceiro...

A capital operária ainda tem vincado na mente o triste epílogo da funesta obra dos Tamagnini Barbosa, ainda está mal refeita do doloroso sacrificio com a escalada de Monsanto...

Pois são os autores da dezmembrada e da pedralada que desagüaram, agora, no arraial do Congresso Nacionalista, a fim de se argamassarem no rebôco preto com que o famigerado e irrequieto Cunha Leal pretende criar esta República à sua moda ditatorial...

Foram por isso recebidos entre estridentes sons de eboés, trombetas, trompas, saxofones, gaitas e demais instrumentos de fraseologia diabólica e de louvaminha rasteira — porque êles se honraram em escolher

o partido mais afim com os seus instintos ultramontanos...

O sidonismo, o presidencialismo, que debandou em monarquismo sanguinário e incendiário, foi um consulado de ditaduras, de absolutismo infernal. O nacionalismo, com o espírito mussolinico metido no corpo daquele que teve a dita de escapar do tiro disparado, no «cachaço», pelo 19 de Outubro, a pira também a uma férrea ditadura, a um truculento absolutismo sob cuja pata reaccionária esteja sujeita toda a nação portuguesa, principalmente aquela que trabalha, aquela que produz para sustentar essa legião de aventureiros da política escura...

Existe, pois, de facto, uma estreita e íntima afinidade de interesses, de processos e de intuítos que já espiritualmente os ligavam há muito: por isso fizeram bem os congressistas em aclamar os seus novos correligionários; por isso andaram acertadamente os presidencialistas em acorrerem à conspiração do bando misterioso, da seita furibunda chefiada pelo pelotiqueiro Leal...

Porque, na realidade, o congresso nacionalista correspondeu a uma genuína, a uma tremebunda conspiração contra o chefe de Estado...

Se fôssemos nós que enxovalhásemos, que irónicamente discutíssemos, ridicularizando-o, o supremo magistrado da nação, já estaríamos, a estas horas, na cadeia.

Mas fôrã os nacionalistas, os representantes, *pur sang*, do reaccionarismo, das forças vivas do bandoleirismo político, económico e social...

Pouco nos preocupa, porém, que o chefe de Estado seja implacavelmente a pedreja do

pela retórica dissolvente dos insurrectos cunhalealistas: como inimigos, por temperamento e por ideologia, de todo o Estado e, portanto, de todos os seus chefes, diverte-nos imenso esta rebeldia política; alegra-nos bastante êste desrespeito à soberania, à intangibilidade, dos mais baixos ou mais elevados superiores hierárquicos; contenta-nos de veras todo êste esfrangalhar de poderes em pugna...

O que não nos é indiferente, contudo, é o facto da conspiração ser destinada a «opôr um dique aos demagogos, à desordem e à anarquia»...

Compreende-se, também, que nesta apimentada e palavrosa triologia do congressista Adriano, se consubstancia todo o rancor que os nacionalistas-presidencialistas nutrem contra o operariado e as suas aspirações de Liberdade em todos os seus variados aspectos.

A revolução, ou antes: o assalto ao poder que os compinchas do verboso Cunha tencionam, de emboscada, efectuar, «logo que as circunstâncias o permitam» — é, de preferência, para retrancar o avanço das ideias modernas, o desenvolvimento das conquistas de melhor bem estar para um povo que tem vivido sempre atrofiado e sem um futuro garantido: destina-se a amarfancar o livre pensamento humano, a destruir tôdas as franquias populares, a invadir e espatifar todos os organismos proletarianos — a dar, enfim, mais livre trânsito à abalada exploradora, tirânica e estupradora das plutocracias oficiais e particulares, que ainda não se sentem bem à vontade na sua dominação fatídica...

No entanto, o desleal caudilho-mór desta *cunha* reaccionária teve o desplante de afirmar que «mais descendentes de rei somos nós — êles que descendemos da «rialeza» do povo livre, sem peias e sem mancha». E eles que desceram de um povo livre, sem peias e sem mancha, agora que enriquece-

ram estúpida e atrabiliariamente; agora que se julgam senhores, *super omnia*, querem torná-lo mais escravo ainda, tolhendo-lhe todos os seus movimentos de libertação, de felicidade, e manchando-o com toda a ordem de vitupérios que tenham nos seus armazéns de retém especulativo...

Para isto, acordaram neste programa: atirar, pela janela fora, com o sr. Teixeira Gomes, como os presidencialistas atiraram o sr. Bernardino Machado, e entrarem em Belem de cabeça levantada, visto que «entrar em Belem de espinha curvada» é, para o aspirante a ditador, «a maior de tôdas as ignomínias»: «ou por nós ou pelo sr. Teixeira Gomes», já que êle não «tem fé em deus, nem no diabo»...

Nós é que não estamos nem com o sr. Teixeira Gomes nem com o fogoso Cunha Leal ou outro qualquer trampolineiro sedento do penacho: nós estamos com a Liberdade do Povo e contra a Tirania; pela felicidade dos que trabalham e contra a ociosidade e a exploração dos que enriqueceram e enriquecem à custa do suor alheio; com a organização sindicalista e revolucionária e contra tôdas as instituições que representem retrocesso, predomínio, roubo, morte...

E' neste sentido que desenvolveremos a nossa acção em tôdas as emergências, conforme as circunstâncias e os meios, pela conquista de um mundo melhor...

### Pró-Filhos de Bento da Cruz

Do Sindicato dos Operários Manufactores de Calçado de Lisboa, recebemos a importância de 173\$59, parte do produto duma festa que aquele sindicato, realizou em benefício dalguns camaradas doentes da classe, e que entregamos à comissão Pró-filhos de Bento da Cruz, nesta cidade.

# FOME

Portugal tem fome. Esta afirmação, só por si, diz muito. A consignação dum facto comprovado diz muito pouco em favor dumas instituições que se chamam republicanas, liberais, democráticas, mas que no fundo são conservadoras, reaccionistas e ultramontanas. Portugal tem fome e claro está que ao falar de Portugal, falamos da maioria dos seus habitantes, do número mais considerável do povo produtor vilmente explorado. Negar esta verdade, seria negar a existência. Os potentados, a casta dos exploradores do trabalho alheio, poderão pô-la em dúvida; porém, não a disentirão as classes médias, as trabalhadoras das cidades e agrícolas do campo.

De boca em boca, de ouvido em ouvido, corre essa declaração categórica, esta queixa amarga e dolorosa: — «Não podemos viver.» O preço das subsistências não está em harmonia e relação com as receitas nos 90 por cento dos lares; e a juventude degenera-se e nega-se a constituir um lar.

A emigração aumenta de dia para dia. A Terra portuguesa está orfã de homens. Isto equivale à despovoação completa e fatal em breve prazo.

Os campos vão ficando desertos e os aldeões acodem, por milhares, à cidade, para engrossar no exército dos sem-trabalho, criando assim a lei da competição na demanda do trabalho, ao pretendem alugar as forças dos seus braços, criando uma crise aguda na produção agrícola pela falta de concorrência e pelo abandono em que fica o campo. As gentes fogem da fome, porque da fartura nunca ingiu ninguém; apartam-se dos lugares onde carecem do sustento e, como animais irracionais, correm para os sítios em que o pasto lhe tem sido propício.

«*Bestiae fame dominate — eserevia a Aulio o autor das «Tesenbanas» — ad eun locum ubi pastae aliquando sinb re-vestantur.*» Planto, no «Pseudolo», pronuncia uma sentença; porém, as críticas dizem que é dura. Eu não a acho: «Os famintos — diz — podem muito bem rir, mas mordem.»

A emigração para terras de além mar, para além fronteiras, e o exército dos sem-trabalho, demonstram a fome; contudo, a mortandade das crianças é também um facto evidente e

comprovativo. Mais de metade das crianças que nascem, morrem antes de chegar aos três anos. Os potentados culpam disso a ignorância dos pais; mas podemos afirmar que esta ignorância é sempre inofensiva ali, onde os progenitores não são ricos potentados. Como prova temos as afirmações dos médicos e higienistas que demonstram que a mortandade infantil é oito vezes maior nos bairros pobres do que naqueles onde as vivendas são amplas, ventiladas e cheias de conforto, e onde os seus habitantes se alimentam suficientemente.

A mortandade infantil é outro sinal, outro facto evidente da miséria dos humildes e da fome. As crianças pobres não morrem precisamente de fome, mas morrem de extenuação e anemia, pela falta de forças no organismo, para resistir à infecção ou à perturbação funcional.

De cada cem habitantes das grandes cidades (não falamos dos pobres e miserandos camponeses) oitenta por cento, pelo menos, não absorvem as calorias que gastam, terminando por serem vítimas de terríveis doenças e da degeneração.

Estamos num momento histórico e psicologicamente degradante. Chegamos ao ponto desesperado de disintirmos as grammas de verdura e as decigramas de carne que ingerimos. Todas as mulheres que tem lar constituído dizem que: «a vida é impossível.»

O problema da alimentação e a restrição, por parte dos burgueses, do trabalho, convertem Portugal num país de mendigos. Há fome! Aquele que o negue falta à verdade. As consequências desta calamidade apocalíptica são incalculáveis.

Sobre todos os problemas da vida está o primordial de viver. Não se pode falar de progresso e de cultura, enquanto não desaparecer a fome. Os potentados da terra não podem falar, por meio dos seus órgãos oficiosos, dos preceitos morais e do respeito às leis impostas, onde os filhinhos dos humildes pedem pão e os pais não tem forma alguma de lho dar.

E' tão urgente procurar a resolução deste problema, que quase não é justo falar doutra cousa.

E em contraste com a pobreza, miséria e fome que dizem as classes produtoras, nas cidades, há a infima minoria dos privilegiados, que nada de útil produzem; os potentados donos das riquezas, estorquidas ao esforço alheio; as classes opu-

lentas — fazem ostentação de luxo, gastam rios de dinheiro nos gosos supérfluos, no vício e na luxúria; vivem na slegria vaidosa e frívola dos gosos impuros, num perpétuo refinamento de monstruosidades iníquas.

Este quadro tétrico, agravado pelas consequências da guerra, pelos latifúndios da terra, pelos monopólios da ficança e das moagens, etc. etc., deve terminar, há-de findar para bem de todos os desertados, para bem de todos os que hoje produzem sob o jago duma exploração iníqua, sob o peso amargo dum Estado explorador que se baseia na lei, que é uma razão imposta pela força. Não se trata dum estado social que pode ser determinado pelas influências e condições da natureza das coisas, nem por um destino fatal, nem pelo azar desgraçado de catástrofes fortuitas. Trata-se dum Estado, baseado na má organização social capitalista, criado pela ambição nefasta dos homens, pela vontade deliberada duma classe

que se diz privilegiada, da aplicação que ela faz dum sistema de produção e do acaparamento feito por ela das riquezas colectivas; ela produz, alegremente, a ruína, a fome e a miséria da colectividade. Este Estado amorfo, baseado num sistema falido, permite ao pequeno número dos grandes possuidores acumular riquezas fabulosas. Este facto tam notório — e tam absurdo — é quem mostra as realidades que constituem a fome e que imperiosamente reclamam a urgência da sua resolução por meio do nosso determinismo revolucionário.

E' preciso, urgentemente preciso, que façamos um conjunto de forças e as encaminemos no sentido revolucionário a tomar posse de todos os utensílios de trabalho e da terra, das fábricas e atelieres, apoderando-nos de toda a produção e exterminando esse fantasma terrível que nos ataca: A Fome...

Porto, 7 2 925.

RAFAEL PEÑA.

## □□ O bloco Herriot-socialista □□

Na sua conferência, o sr. Amâncio d'Alpoim — o antigo sidonista, defensor, ao tempo, de todas as arbitrariedades e patifarias dos asseclas do negregado Sidónio Pais, e hoje convertido ao socialismo de Estado e ao politiquismo de sacristia... sufragista, elogiou muito os seus correligionários franceses que apoiam actualmente o sr. Herriot.

Nós nada temos com esse apoio político-parlamentar, nem escrevemos estas linhas para lhe contestar as palavras. Só a título de informação é que pagamos na pena para arquivar nestas colunas o que em França é conhecido de toda-a-gente, e que vem a ser: enquanto os socialistas apoiam o governo Herriot, esquecem-se de que não «fazem socialismo», antes se deixam comer pela burguesia, fazendo-lhe a vontade e caindo de cócoras perante ela. A prova concludente encontra-se neste facto concreto: o programa eleitoral de 11 de maio de 1924 ainda não foi cumprido, nem sequer naquilo que êle tem de mínimo. Aí vão as provas:

Os socialistas disseram, nessa época: «exigiremos uma «amnistia geral e completa».

Por unanimidade, os socialistas reprovam a amnistia

geral e aprovam a amnistia amalgamada no Senado francês.

Os socialistas prometeram: «faremos com que a jam admitidos todos os ferroviários despedidos».

Pois, muito bem: a 12 de julho de 1924 e a 30 de janeiro de 1925, os socialistas aprovam as moções de confiança ao Governo, que abdica perante as Companhias, e abandonam os ferroviários despedidos.

Os socialistas afirmaram: «elevaremos as retribuições aos funcionários públicos».

Votam, com o Senado reaccionário, uma esmola de 500 francos, e rejeitam os 1.800 francos pedidos.

Os socialistas proclamaram: «havemos de suprimir os conselhos de guerra».

Mas, na Câmara, esquecem os fusilados da «Mataça», as vítimas dos Tribunais, e votam a manutenção desses mesmos Conselhos.

Os socialistas uivavam: «cortaremos as vassas à reacção»: Aliando-se a Briand e a Loucheuw, opõem-se, na Câmara, a que, depois do crime de Dornenez, sejam perseguidos os furrieis do fascismo — Daudet, Lysis, Millerand, etc.

Os socialistas declararam: «defenderemos a classe operária».

ideologia desta veneranda figura, para nós ela já não era a figura dum anarquista.

Imagine-se pois qual foi o nosso assombro e ao mesmo tempo a nossa satisfação ao lermos a notícia de que iria fazer uma conferência o mais velho anarquista da actualidade, o camarada Conceição Pires.

Fomos ouvi-lo com alvoroço...

¿E que dizer?

Que o conferente foi a princípio o expositôr desapaixonado da doutrina anárquica. Com grande clareza, citando factos, citando entrevistas de personalidades célebres no campo doutrinário e de acção de várias ideologias, Conceição Pires fez o confronto entre socialismo e anarquismo, evocando Marx, Babel, Jean Grave e Malatesta, fazendo obra anarquista, numa palavra, com verdadeira ombridade.

E nós a dizermos para os nossos botões: enganámo-nos ou êle reconsiderou...

Mas no final... êste anarquista, o mais velho anarquista, que como tal terá tóda a vida feito propaganda contra o Estado, vibra de repente com verdadeiro entusiasmo ao exaltar a grandiosa figura de Lênine, tece-lhe um caloroso elogio levantando à corôa das nuvens o governo estatal da Rússia!!

Declaramos com franqueza: ficámos emparvecidos, atónitos, confusos, verdadeiramente estúpidos!

Passada esta desagradável impressão, readquirindo a presença de espírito, comentámos connôscos mesmos: ¿Que é isto? é uma farsa ou inconsciência?

Que estupenda contradição e que lastimável atitude a dêste velho honrado e tam respeitável!

Mas como é doloroso têr de constatar o desmoronamento duma integridade! O Conceição Pires farsante? Não! não é possível! Absolutamente repudiamos a hipótese. Temos por aquele velho uma alta consideração! Mas neste caso ¿será um inconsciente? Também nos se repugna esta hipótese. ¿Que é êle pois? Quanto a nós, é um bom que se deixou iludir por políticos batidos nestas lutas de encruzilhada que facilmente surpreenderam a sua bôa fé.

Calcule se o efeito que uma tal atitude fez na massa do auditório que atroou a sala com os seus apoiados.

Aproveita habilmente esta deixa, o apresentante do conferente, fez um curto discurso baralhando cousas, estabelecendo confusão de critérios e

salpicando de ditos espirituosos o seu verbo tendencioso para uma política própria duma grande parte do auditório.

Fez-se realmente uma bela propaganda das doutrinas... dêles; e nós não os censuramos pois que estão no seu papel...

O que não podemos admitir é a deslealdade, a falta de franqueza nas atitudes, o ir buscar o rótulo duma ideologia oposta para estabelecer o confusão nas massas incultas.

Não pode ser!

Não deve ser!

Cada qual no seu campo.

Se os socialistas, os comunistas, ou quaisquer outros ideólogos querem fazer propaganda dos seus ideais, façam-

no, muito embora, mas com honestidade, com lealdade, não se socorrendo de *trucs* vergonhosos.

No fim de tudo isto, lamentamos a triste figura que fez o *mais velho anarquista* de nossos dias.

Um anarquista a defender e a elogiar governos e Estados, é dos maiores absurdos a que temos assistido e sinceramente nos doi que se tenha abusado da avançada idade dum homem de bem para o colocar numa situação deprimente só para se fazer política!

JOSÉ CARLOS DE SOUSA.

(do grupo anarquista Semeador)

## A liberdade de pensamento, ameaçada...

Após tantos anos de luta heróica, de luta incessante contra a reacção clerical e contra a acção jesuítica, somos agora forçados a constatar que a liberdade de pensamento se encontra seriamente ameaçada.

E' que, mais uma vez, o jesuíta arvorado em padre, em missionário, procura, com a cumplicidade dos poderes constituídos, senhorear-se dos destinos dum povo que tem na sua história páginas refulgentes de verdadeiro heroísmo e de abnegação em defesa da sua independência e da sua liberdade.

O jesuíta, que se adapta a todos os meios, a tódas as situações e a todos os ambientes; que tem na boca um deus de misericórdia e de bondade, e, no coração, um punhal carregado de veneno e de sangue; que tem um cérebro iluminado por um clarão sinistro: a Morte! — o jesuíta, essa figura ascorosa e odienta que pensa unicamente na escravidão e na submissão da vontade humana ao código secreto e tenebroso duma congregação hedionda: a Companhia de Jesus! — o jesuíta, êsse animal cruel e peçonhento, cujas ambições e actos, através de tódas as épocas, fazem recuar de pavor e horrorizar de medo, as consciências livres e os corações generosos! — o jesuíta, vem, há anos consecutivos, contaminando, com a sua moral detestável, hipócrita e artificiosa, a sociedade portuguesa.

Antes da proclamação da República, o jesuíta era dono e senhor absoluto desta parte da Europa: a sua vontade era

omnipotente; o seu querer era a lei. Depois da República proclamada, o jesuíta acocorou-se na sombra, fugindo pela escuridão da noite. Para nos deixar em paz? para desaparecer do nosso convívio? para abandonar os seus tetricos desígnios? Não, porque a sua fuga era apenas aparente.

O jesuíta escondeu-se. E, no seu esconderijo, meditou longamente na melhor maneira de assaltar os nossos pobres lares e a nossa consciência. E hoje aí o temos, mandando, pontificando, impondo-se, para desonra dos mártires do livre pensamento e para vergonha de todos nós.

A existência de jesuítas em Portugal é um facto concreto, positivo, e não a pronúncia de simples frases que tenham por fim amedrontar os tímidos. De Norte a Sul do país, o jesuíta tem-se apoderado da infância, da juventude e até da adolescência, ajudado nesta tarefa inglória por muitas criaturas que desfrutam logares de confiança do actual regime!

Parece mentira esta nossa afirmação. E, no entanto, ela é a expressão rigorosa da verdade.

¿Querem provas? Aí vão algumas, apenas: em Lisboa — a capital da República que teve o gosto de ouvir um ministro vociferar com o maior desplanete o seu orgulho, por ter sido educado num colégio de jesuítas! — em Lisboa, vinhamos dizendo, há na rua Correia Teles, rua n.º 3, prédio 33, 2.º, 3.º e 4.º andares, um orfanato, denominado com êste pomposo título: *orfanato de Santa Isabel!* E na rua de S. Felipe Neri,

53, rjchão e 1.º andar há idêntica instituição, assim baptisada: *orfanato de S. Mamedel*. Pois bem: ambos êstes orfanatos são dirigidos por um jesuíta confêssão — o padre dr. Agostinho Mota, que foi expulso de Portugal após a proclamação da República...

Mas a par dêstes dois casos há mais e muitos mais, como, por exemplo, o Asilo de S. Luís, instalado no Poço do Bispo, onde se ministra, às escâncaras, o ensino religioso e jesuítico; a próxima fundação de dois asilos de *carácter religioso e jesuítico*, patrocinados por «senhoras da aristocracia» e defendidos pelo *ilustre* deputado Agatão Lança; a *sopa das operárias* do círculo católico, etc., etc. e etc. E todos êstes casos atestam, dum modo que não admite dúvidas, a veracidade das nossas palavras: o jesuíta está assenhorear-se de Portugal, com êste objectivo: esmagar a liberdade de pensamento e cercear as regalias, as conquistas e os direitos dos portugueses.

Homens que pensáis livremente! Criaturas que vos tendes sacrificado pela defesa da vossa liberdade e da vossa independência. — Alerta!

O jesuíta, com a cumplicidade dos politiqueros, isto é, com a cumplicidade daqueles indivíduos para quem o carácter, a honra e as afirmações são coisas de somenos importância, espregueira-vos ávidamente. Ele quer, e assim já o conseguiu em parte, dominar em Portugal. E, todavia, um «país que obedece ao jesuíta, é um cadáver obedecendo à podridão.»

Alerta, livrepensadores!

Alerta, liberáis!

E' necessário combater a seita negra e reduzi-la à impotência. Se não fizermos isto, amanhã não seremos mais do que autómatos que se movem ao sabor da vontade e dos interesses dos maiores criminosos que a História regista.

Abaixo a seita negra!

Abaixo os vendilhões que a auxiliam.

Pôrto, Março de 1925.

UM GRUPO DE LIVREPENSADORES

N. R. Na verdade o grupo de livrepensadores tem razão. A República está a ser um alfobre de jesuítas de tódas as cores e feitios. Combatê los, é mais do que um dever: — é uma necessidade, um princípio higiênico...

... FOLHEANDO A HISTÓRIA

# Jacques Rohzbach

IV

Como apareceram mais cavalos do que cavaleiros mortos, o *comando* dos camponeses deu ordem para que todo o burguês que tivesse escondido um nobre ou um *lansquenê* e não o entregasse, fosse morto. Os pobres soldados foram quase todos entregues. Uns apresentavam-se vestidos de mulher; outros saíam dos fornos! Max Engstein, bom moço, foi protegido por uma jovem, que o escondeu entre as mós dum moíno! E nesse mesmo moíno, situado fóra das portas da cidade, Jacques passou a noite com os seus amigos íntimos, tomando aí a resolução de matar todos os prisioneiros!

Os camponeses pediram a ordem de saque geral; mas os chefes opuseram-se à pretensão. Só admitiram como boa-prêsa os despojos das igrejas, presbitérios, palácios, casas dos nobres e de funcionários. No entanto, se dermos crédito a Weinsberg, os camponeses berraram muito e saquearam pouco. As melhores coisas, isto é, as coisas de mais valor, foram-lhe tiradas por meio dos artificios mais bem engendrados. Por exemplo: na casa do burgomestre encontraram um grande cofre cheio de ouro; mas um professor disse-lhes, e eles acreditaram, que aquele dinheiro pertencia às crianças pobres. Os camponeses nem sequer lhe tocaram!

Chegada a noite, Jacques, depois de ter levado os nobres prisioneiros, em vez de pensar, como os seus companheiros de luta, no saque e no amor às freiras dos conventos, dirigiu-se para o moíno que ficava perto da porta da cidade e que dava para um campo. Ali, de acôrdo com os seus amigos, resolveu massacrar todos os prisioneiros confiados à sua guarda e tam bem tratados por Hipler e Matler, isto para infundir o terror àqueles que pensassem na depreciação e no ameaquinamento da fôça dos camponeses. Esta resolução, acolhida com entusiasmo, foi aceita unanimemente.

Ao amanhecer, enquanto o exército, vencido pela fadiga e pelo cansaço dormia tranquilamente, Jacques fez sair os prisioneiros para o pátio do moíno, conduzindo-os ao campo. Os prisioneiros, eram: o conde Luís de Helfenstein, a condessa

e um filho de dois anos; Hans de Winterstein; o bailio de Vaiblingen; Burkhard de Chingen e seu filho; Frederico de Neuhausen; Jørg Wolff de Neuhausen; Hans Dietrich de Westerstetten; o bailio de Neuffen; Felipe de Bernhausen; Jacob, o filho do bailio de Goepfingen; Hans Spaet de Hoepfingheim; Bleikard de Niessingen; Rodolfo de Hirnheim; Wolf de Helfenberg; Jørg de Kältental; Ruthard e Veitbrecht de Gemmingen, e alguns pagens e criados.

Uma vez ali, Jacques mandou-os formar em círculo, para lhes ler os termos da sentença, que eram éstes:

—A bem da nossa causa, é necessário que sejais todos mortos!...

Resolve-se, então, que todos os sentenciados sejam mortos por meio das *lanças espetadas no rosto*.

Este género de morte — *lanzenjagen* — era um antigo castigo aplicado aos militares que tivessem faltado aos deveres da sua honra. Os soldados formavam em duas filas estreitas, por entre as quais passava o condenado; e, num dado momento, isto é, ao sinal dado pelo comandante, êsses mesmos soldados das filas espetavam as suas lanças no rosto do réu, até que êle morresse!

A um sinal de Jacques, formaram-se as filas. E, depois delas formadas, Jacques ordena:

—Conde Luiz de Helfenstein! Tú, na qualidade de chefe, é que vais abrir o caminho.

Neste momento, a condessa, com o seu filho nos braços, abre alas e roja-se aos pés de Jacques, implorando:

—Perdão! Perdão para o meu marido!

—Perdão! — responde Jacques! Tú pedes perdão para o sr. Helfenstein, teu marido! Tem graça!... Escuta: Há quatro anos eu amava uma jovem que se chamava Maria Joana. Eu, Jacques, o mau-carácter, o vagabundo; eu, que nunca tinha tido medo de ninguém, nem de Deus, nem do Diabo, nem dos nobres, tremia diante do olhar de Maria Joana. Ela não usava, como tú, vestidos de seda nem cadeias de ouro: trazia o cabelo ao vento e andava descalça. Ganhava a sua vida, apanhando lenha no monte, durante o inverno, e vendendo morangos e murta, du-

rante o verão... Um domingo, Maria Joana foi colher morangos ao monte dum indivíduo, primo-irmão de teu marido. Prêsa pelo guarda campestre, foi conduzida ao castelo...

Ah! Parece-me que estou a vê-los, todos, saciar os seus desejos lúbricos na pobre Maria! Era linda, formosa. Naturalmente agradou ao conde, aos guardas, aos lacaios. E quando tôda essa maldita canalha satisfez os seus apetites, temendo que Maria divulgasse as infâmias de que tinha sido vítima, encerraram-na num dos calabouços do castelo, onde apodreceu viva, sendo, depois, devorada pelos ratos! Comprendes, agora, mulher, porque é preciso que teu marido desapareça do número dos vivos?...

E ao arredar a condessa que estava agarrada aos seus pés, colocou-lhe o joelho nos seios. Neste momento, tomado por um acesso de cólera, Jacques grita para os seus soldados:

—Amigos! Olhai bem para mim: é a vingança de Maria Joana...—Condessa de Helfenstein! filha do imperador! Escuta: Jacques Rohzbach de Bœkingen colocou o seu joelho sobre os teus seios.

—Perdão! Perdão! — grita a condessa, com uma voz sumida. Perdão! em nome de Jesus Cristo, em nome de Deus, que nos vê. Perdão!...

—Tú enrouqueces por uma coisa que não vale nada — responde-lhe Jacques, levantando-a. Essa frase — Perdão! — não existe para mim. E' que eu não conheço senão esta palavra — Vingança!

—Vingança! — repetiu, em côro, a horda.

—Condessa de Helfenstein — berrou um camponês. Um dia, os cavaleiros de teu marido passaram, com cavalos e cães, pelo meu campo, que eu tinha acabado de semear. Os meus filhos pretenderam opôr-se ao vandalismo e foram presos e amarrados; conduzidos ao castelo, foram espancados barbaramente... Vingança!

Um terceiro camponês, vociferava:

—Conde de Helfenstein! Tú prendeste o meu irmão por não te saúdar. Vingança!

—Tú tens-nos jungido ao trabalho como se fossemos bois! — gritam dois outros camponeses. Vingança!

—Tú meteste o meu pai no cárcere por ter matado uma lebre num campo que lhe pertencia. Ele morreu de desgosto; e, em consequência disso, é necessário que tú também morras! —Perdão! — implora, por fim,

o conde, cujo coração se sensibiliza em face da cruciante dôr da condessa. Ofereço-vos tôda a minha fortuna e 60 mil florins de ouro que o Imperador vos pagará. Juro-vos isto sobre a cabeça da minha esposa e sobre a cabeça de meu filho. Deixai-me viver para a minha família; quanto a mim, não temo a morte.

—Fazes, bem — contesta-lhe Jacques — porque, nem que me desses 60 mil toneladas de pérolas, a tua morte seria certa... Confessa-te depressa, porque não verás mais o sol.

— Espera! — grita Melchor Nonnenmacher, antigo músico do conde. Durante muitos anos, alegrei-te as refeições com o meu instrumento. Conheço a tua música favorita. E, cuidadosamente, guardei-a para a tocar no teu último baile!...

E enquanto o conde se confessa a um cura romano, Melchor afina o seu instrumento.

—Estás pronto? — pergunta Melchor ao conde, tirando-lhe o chapéu de plumas que coloca na sua cabçal. E no mesmo instante, toca a ária favorita do conde, uma valsa galope, espécie de valsa húngara. O conde levanta-se e deita a correr para as filas. Poucos passos tinha dado quando caiu aos golpes de vinte lanças.

Os outros prisioneiros tiveram a mesma sorte. E quando algum se aproximava das filas, não faltava quem o acusasse de diversos crimes.

—Estragaste-me a sementeira!

—Desonraste a minha irmã!

—Feriste-me com o látigo!

—Mataste o meu filho!

Etc., etc., etc.

Com tais recriminações a horda enfurecia-se cada vez mais. E nenhum prisioneiro pôde obter perdão, exceptuando a condessa, que foi despojada das suas jóias e dos seus vestidos; e, transformada em mendiga, foi colocada num carro de bois e conduzida, com seu filho, a Heilbon.

—Entraste em Weinsberg em veículo de ouro — diz-lhe Jacques; e saís num carro de estêrco. Conta isto ao Imperador e saúda-o da minha parte...

A condessa replicou-lhe.

—Tenho pecado muito e mereço sem dúvida, a minha sorte. Adorado pelo povo, Cristo entrou em Jerusalem no domingo de Ramos e bem depressa saiu de lá, trazendo a cruz, perseguido e ameaçado por aquele mesmo povo...

(Da História da grande guerra dos camponeses alemães. Livro I, capítulo XII).